

Desorganizados não podem ter ideias

● Marcelino dos Santos na Faculdade de Educação

A falta de organização dos estudantes para a sua participação activa na vida da Faculdade de Educação da Universidade Eduardo Mondlane foi o aspecto de maior peso numa reunião havida naquela instituição no passado sábado. O encontro foi orientado pelo membro do Bureau Político e Secretário do CC para a Política Económica, do Partido Frelimo, Marcelino dos Santos, que se fazia acompanhar do Ministro da Educação e Cultura e do Reitor da UEM, Graça Machel e Fernando Ganhão, respectivamente.

Antecedida por uma série de visitas à Faculdade e ao Centro «8 de Março» — onde reside a maioria dos estudantes — efectuadas por aquele alto dirigente do Partido, a reunião debruçou-se sobre várias questões que estão na origem da fraca participação dos alunos na vida extra-escolar da sua escola. Entre essas questões, a falta de organização dos alunos destacou-se como causa fundamental o que levou Marcelino dos Santos a dirigir-se aos presentes nestes termos: **Inorganizados, não podem ter ideias.** Ele aclarava, assim, o fundamento essencial da apatia que caracteriza a atitude dos alunos.

Contrapondo esta conclusão, um estudante disse que **uma manada sem bom pastor não pode estar organizada**, deixando entender que o problema residia na falta de enquadramento a que os estudantes se acham votados pelas estruturas existentes. Marcelino dos Santos recuou um pouco na História para dizer que, habituados a não pensar pelas próprias cabeças, no fim de 500 anos os moçambicanos manifestam, ainda, essa atitude de esperar que alguém pense por eles. **É preciso aprender a pensar com as nossas próprias cabeças, mas isso não se faz sem estarmos organizados e planificados**, — disse. Falou do PPI como exemplo da visão ampla sobre o nosso futuro pensado com as nossas cabeças.

Nos fins de Novembro último,

durante o estudo e discussão das Teses ao IV Congresso, esse aspecto de **inorganização** tinha sido insistentemente focado pelo Ministro da Educação e Cultura. No desenrolar do referido estudo os estudantes da Faculdade de Educação manifestaram, por diversas vezes, um desconhecimento da realidade do País e da nossa História, em particular a História da Luta de Libertação Nacional. Por exemplo, um aluno perguntara então: **Porque é que sempre se diz que a experiência das zonas libertadas continua a ser a nossa principal fonte de inspiração?**

Sem «sair» da sala da reunião, o Ministro Graça Machel explicou na altura: **No colonialismo tu não falarias aqui com o teu Reitor e muito menos com um Ministro. Esta prática de democracia nós a construímos nas zonas libertadas. É lá que aprendemos a exercer o poder popular democrático. Por isso é que podes dizer aqui que o Reitor não contacta convosco.** Muitas perguntas postas no plenário revelavam simplesmente certa ignorância, que não existiria se na formação que recebem os estudantes tivessem uma série de palestras sobre vários assuntos da vida nacional.

UMA REUNIÃO PEDAGÓGICA

A reunião havida no «8 de Março» caracterizou-se por ser uma verdadeira aula de educação polí-

tica para os estudantes, funcionários e professores da Faculdade de Educação. Fugindo ao estilo de discurso feito com antecedência, Marcelino dos Santos estabeleceu a agenda da reunião sob proposta dos participantes. Mas não só: relatando a sua própria experiência em Moçambique, em Portugal, na França e, mais tarde, na Luta Armada, aquele dirigente mostrou como foi trilhado o sinuoso caminho da libertação da Pátria e da criação da Nação Moçambicana.

Este método de trabalho teve o mérito de levar em conta que a totalidade dos estudantes é constituída por jovens, e, por isso mesmo, nem sempre com o conhecimento suficiente desse passado que só sabem pelo que ouvem ou lêem. Agrava este desconhecimento o facto de, na sua formação como professores, não terem aulas de educação política, por razões que não cabe mencionar neste trabalho. Isto explica, em parte, o alheamento à vida da escola que frequentam, o que conduz, inclusivamente, à **mentalidade consumista** que se instalou: receber tudo das mãos de alguém, sem participar na criação e gestão. Aliás, este aspecto foi particularmente salientado por Fernando Ganhão, no seu discurso de abertura da 2.ª reunião geral da UEM, realizada de 8 a 10 de Novembro deste ano.

PROBLEMAS COLOCADOS

Como é tradição, os participantes tiveram a liberdade de fazer intervenções no decorrer da reunião orientada por Marcelino dos Santos, que durou seis horas e meia. A falta de sensibilidade das estruturas, o burocratismo na resolução dos problemas, a falta de discussão, a ausência de formação política e ideológica, a falta de crítica e autocrítica, a falta de trabalho colectivo no seio dos grupos de disciplina, a falta de enquadramento dos cooperantes, o alhea-

mento da juventude aos problemas do País, entre outras, foram as questões colocadas pelos presentes como preocupações fundamentais do seu dia a dia.

O Secretário do CC para a Política Económica do Partido Frelimo, voltou a insistir na importância e na necessidade de organização como condição para a resolução de quaisquer problemas. Na verdade, as organizações de base da OJM, que poderiam desempenhar papel decisivo, não existem ou, pelo menos, não têm acção — o que explica, em grande medida, essa inorganização.

A pedido dos participantes, Marcelino dos Santos fez uma detalhada explicação da situação sócio-política, económica e militar do País. Incentivou os alunos, professores e funcionários a participarem activamente na construção do socialismo no País e no desenvolvimento da cultura moçambicana como instrumento da Unidade e de afirmação da personalidade moçambicana, e sensibilizou-os a cultivarem o orgulho de ser moçambicano.

Como nota final, acrescenta-se que a Faculdade de Educação foi criada em princípios de 1981 com a finalidade de formar professores

para o ensino secundário. Este ano a escola possui cerca de 1 200 alunos vindos de todas as províncias do País. A falta de um corpo docente estável tem sido, desde então, um dos grandes problemas com que se defronta a Faculdade. Para além de serem poucos professores, entre esses poucos alguns não trabalham a tempo inteiro como seria de desejar, pois são «emprestados» por outras faculdades da UEM.

CELESTINO JORGE